

O conto que segue é de autoria de Deisiane Barbosa. Todos os direitos são reservados à autora.
Sua reprodução é expressamente proibida.

bênção para a lentidãoⁱ

////////////////////////////////////

logo de início, esperei que a maresia salina por si me curasse os avessos, disseram que isto ajuda muito na saúde dos pulmões. mas nem tudo é somente milagres. desde que aportei, a espiral da cidade, seu tanto subir e descer, foi me aplacando o vigor de andar bem ligeiro, como sempre soube.

depois cheguei ao ponto em que o fôlego ia se apagando, me acendendo vertigem, uma febre inexplicável. completamente afônica, estancava em qualquer ponto de calçada, morrendo de medo daquilo me tomar de vez.

a muito custo, fui subindo pela rua jasmineiro. Tereza margarita é uma das moradoras mais antigas daqui, recomendaram que eu fosse vê-la. encontrei-a logo cedo entre o verde das folhas de cura no quintal e tomei-lhe a mão meio úmida, cheirando a cidreira. na ilha, é comum as mulheres se cumprimentarem desse modo, cada uma carrega na palma o aroma do que mais cultivava com os dedos.

o dia em que cruzamos a vista no passeio da treze de maio, ela me sorriu com um rastro azul tão lúcido nos olhos. *foi a senhora quem plantou as gameleiras desse largo?* ela apenas me estendeu as mãos e eram puro eucalipto. *então é tu quem mistura essa fragrância pela rua da aurora?* de novo sorriu e seguiu caminhando ladeira acima. não fui atrás, já supunha nosso segundo encontro no imprevisível.

esta aqui ó, venha espiar, esta aqui é artemísia. uma beleza pra regular a lua, aliviar as dores do fluxo e um bando de outras coisas mais. tinha um sestro de abanar as mãos pra cima, uma só vez, quando queria enfatizar coisas ou reticenciá-las.

e esta aqui, dona margarita, toda graciosa desse jeito?

conhece não? essa é a camomila, menina, te bota pra dormir descansada em tempos de fervura.

hmm... muito cheirosa. e aquela ali, com flor lilás?

aah, esta daqui... aproxima-se da planta com dose a mais de carinho, quase devoção. esta daqui é alfazema. vou lhe dizer, viu: um santo remédio pra acalmar a cabeça. tenho até outros pés dela espalhados aí. já esta, chegue aqui: esta se deixar toma é tudo! vixe...

passeio o dedo no veludo da folhinha que ela me oferece e é verdade, o cheiro da mirra se alastra em segundos. inebriada, naquele mundo de quintal, facilmente poderia me esquecer longas horas.

mas então me diga: que estais procurando, minha fia, o que te pôs caminhar tanto, desse jeito avexado?

fiz uma viagem tão comprida, senhora... espaçava a fala, prevenindo o soluço e a tosse que me aplacavam nos últimos dias, toda vez que apressava. contei sobre sonhos, o modo límpido como ouvi o Mar certa manhã bem cedo. mas não era apenas isto.

o primeiro de tudo: preciso aprender a ser uma ilha.

o ar esmaecia, a voz ia cansando. mergulhei na busca, mas. agora que cheguei. já não quero. tanta pressa.

pois justamente. é bom mesmo abrandar e saber dosar o fôlego, fia. mas como vieste dar aqui, tu lembras?

isso já nem sei direito agora...

na certa o tempo embaralhou, balançava a cabeça, adivinhando tudo.

só pensava em chegar à Tereza. dias e dias somente rodeando porto. catando um lugar de pouso. mas tudo o que lembro agora, é da casa enlarguendo. cada vez mais. à medida que esvaziava. à medida que envelhecia. houve um dia em que era somente eu. o telhado já todo esvoaçado. a casa começava evaporar. tão lentamente. e tão angustiante. que dentro de mim a fagulha. de sair por aí procurando. por ela. o cheiro do veludo nos

dedos tomou conta dos olhos, da cabeça salgada de suor. a mirra era mesmo audaciosa, o que era fascinante.

venha cá. espia só isso aqui.

estendeu as palmas antigas para que eu enxergasse bem. oMar decalcava um M fundo nas mãos de margarita. era uma marca daquela pertença. ela aceitava. desde que nasceu mulher, fenda, braço aberto em torno da ilha. desde que nasceu, aceitou. corpo e alma entregues a ela, oMar mergulhava em si. bebia. os olhos desavessados para dentro. e bebia. ouvidos encharcados, zumbido de ondas altas, pedras, o corpo sendo tudo o que ela quisesse. oMar vestia-se dela.

cheirei suas mãos, que também era o modo de pedir a benção. puro macerado de ervas. *e a senhora, como chegou aqui, dona Tereza? também veio sozinha?*

olhe, não fui a pioneira. aqui nasci quando a ilha já criava suas primeiras gerações de mulheres. agora, só não sei dizer é do tempo. aqui ele se embaralha, a gente entende outro modo de ler as passagens. sentamos à sombra de uma gameleira, enquanto ela arrumava os raminhos colhidos há pouco.

o que sei foi que tudo começou, a navegância eu quero dizer, quando Tereza cuspiu fogo por dias e noites, fez-se aquele fumaceiro... foi isso o que dispersou a ciranda.

uma ciranda?

enredando três raminhos das folhagens que espalhavam cheiro na prosa, margarita seguiu contando detalhes que mais me deixaram provocada a saber quem de fato era aquela Tereza incorporada em ilha.

apois, teve mesmo outras irmãs. era como fizessem mãos dadas na base de muita fundura Mar abaixo. naqueles tempos, aquela era uma baía sossegada, fácil de se chegar, fácil de aportar. além de ter nas entranhas um tesouro aos montes que de longe eles adivinharam. parte daquilo ainda não entenderia, eram fiapos de um quebra-cabeça que eu pinçava bem atenta, anotando cada palavra na lembrança.

por fim, a baía cuspiu tão forte um umbigo de lava e a ciranda cindiu. mas ruim por ruim, foi a nossa valença. que só mesmo no abalo é que Tereza e as companheiras teriam o tino para se livrar do que vinham passando, desde que os navios farejaram longe. pois desde então, o que a gente passou não foi coisa pouca não, viu, fia.

depois disso não contou mais nada sobre o assunto, nem nada eu lhe indaguei. não queria era esquecer o tanto de coisa daquela história, que resumida não parecia ser. ali

mesmo na gameleira, margarita me espalhou alecrim pelo peito, pescoço, testa, nas mãos meio frouxas. disse que eu caminhasse mais lento de agora em diante. *os pezinhos da gente também são delicados, minha santa. há de se cuidar da cabeça e, com a mesma dedicação, cuidar no jeito como a gente pisa.*

tomei o conselho. dava para supor o quanto era vivida. bastava sentir a textura de letra M bem sulcada em suas palmas.

pronto. retorne amanhã e depois, pra completar o benzer, viu.

saí de lá com perguntas diferentes, provocada a entender se Tereza era mesmo uma ilha flutuante, como a própria iolanda já havia sugerido. segui com o corpo mais leve, as roupas cheirando a erva e a reza daquela senhora, volta e meia sussurrando na cabeça.

ⁱ O texto integra o projeto *inventário da ilha de Tereza*, livro de Deisiane Barbosa, em processo de criação.